



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE LETRAS EAD**

NAIANA DE CARVALHO

**Língua e estigma social: uma análise da manifestação do preconceito
linguístico em memes no facebook**

Recife

2024

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do programa de geração automática do SIB/UFPE

Carvalho, Naiana .

Língua e estigma social: uma análise da manifestação do preconceito
linguístico em memes no facebook / Naiana Carvalho. - Recife, 2024.
30 : il.

Orientador(a): Marco Antonio Lima Bonfim
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal de
Pernambuco, Centro de Educação, Letras Português - Licenciatura, 2024.
Inclui referências.

1. Preconceito Linguístico. 2. Variação Linguística. 3. Sociolinguística . 4.
Facebook. 5. Meme. I. Lima Bonfim, Marco Antonio . (Orientação). II. Título.

410 CDD (22.ed.)

NAIANA DE CARVALHO

**Língua e estigma social: uma análise da manifestação do preconceito
linguístico em memes no facebook**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Letras, da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para aprovação na disciplina Trabalho de Conclusão de Curso II Orientador: Prof. Dr. Marco Antônio Lima do Bonfim

Recife

2024

NAIANA DE CARVALHO

**Língua e estigma social: uma análise da manifestação do preconceito
linguístico em memes no facebook**

Este trabalho foi julgado adequado e aprovado para a obtenção do título de
graduação em Letras – Língua Portuguesa da Universidade Federal de Pernambuco

Aprovada em: 23 de outubro de 2024.

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Marco Antonio de Lima Bonfim

Universidade Federal de Pernambuco - Centro de Artes e Comunicação

Orientador

Prof. Dr. André Cavalcante Barbosa da Silva

Universidade Federal de Pernambuco - Centro de Artes e Comunicação

Examinador

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, nosso criador por me ajudar a vencer todos os obstáculos da vida, aos meus queridos pais que me ajudaram com sua simplicidade a ser quem sou.

Agradeço também às professoras das disciplinas de TCC I e II, pelo apoio e ajuda.

Agradeço em especial ao meu orientador Dr. Prof. Marco Antônio Lima do Bonfim, por todo direcionamento, empatia para comigo na conclusão da pesquisa.

Dedico este trabalho à minha filha Maria Clayana e aos meus pais Severino Teixeira de Carvalho (in memoria) e Maria Luiza Alves de Carvalho. Que os amo tanto e são o meu motivo diário de luta e persistência, meu combustível diário para trilhar meus objetivos.

*Nunca deixe que lhe digam
Que não vale a pena acreditar no sonho que se tem
Ou que seus planos nunca vão dar certo
Ou que você nunca vai ser alguém.*

Renato Russo

RESUMO

Esta monografia investigou a manifestação do preconceito linguístico em memes publicados no Facebook sob a perspectiva da pedagogia da variação linguística. O estudo teve como objetivo analisar como os memes, enquanto gêneros discursivos amplamente utilizados nas redes sociais, podem tanto reproduzir quanto contestar formas de preconceito relacionadas ao uso de variedades linguísticas estigmatizadas. A pesquisa adotou uma abordagem qualitativa e interpretativa, fundamentada em autores como Marcos Bagno, William Labov e Tânia Alkmim, além de conceitos centrais da sociolinguística, como variação linguística, norma-padrão, norma culta e variedades estigmatizadas. A análise do *corpus*, composto por três memes, revela que o preconceito linguístico é frequentemente reproduzido por meio de discursos que ridicularizam as formas de falar associadas a grupos socialmente marginalizados. A partir da análise concluímos que, embora os memes possam reforçar estigmas, eles também possuem um papel importante na contestação do preconceito linguístico, servindo como uma ferramenta para a reflexão sobre as dinâmicas de poder no uso linguístico nas redes sociais. Foi possível também perceber a importância de uma pedagogia da variação linguística que promova a conscientização crítica sobre a diversidade linguística e a inclusão social no contexto educacional.

Palavras-chave: Preconceito linguístico, variação linguística, memes, Facebook, sociolinguística.

ABSTRACT

This monograph investigates the manifestation of linguistic prejudice in memes published on Facebook, from the perspective of the pedagogy of linguistic variation. The study aims to analyze how memes, as discursive genres widely used on social networks, can both reproduce and challenge forms of prejudice related to the use of stigmatized linguistic varieties. The research adopts a qualitative and interpretative approach, based on authors such as Marcos Bagno, William Labov and Tânia Alkmim, as well as central concepts of sociolinguistics, such as linguistic variation, standard norms, cultured norms and stigmatized varieties. Analysis of the corpus, composed of three memes, reveals that linguistic prejudice is often reproduced through speeches that ridicule ways of speaking associated with socially marginalized groups. The work concludes that, although memes can reinforce stigmas, they also play an important role in challenging linguistic prejudice, serving as a tool for reflecting on the dynamics of power and language on social networks. The research also highlights the importance of a pedagogy of linguistic variation that promotes critical awareness of linguistic diversity and social inclusion in the educational context.

Keywords: Linguistic prejudice, linguistic variation, memes, Facebook, sociolinguistics

Sumário

1.INTRODUÇÃO	
2.A ABORDAGEM DA PEDAGOGIA DA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA.....	11
3. O FACEBOOK E OS MEMES COMO GÊNERO DISCURSIVOS.....	15
4.METODOLOGIA.....	20
4.1. NATUREZA DA PESQUISA.....	20
4.2. DELIMITAÇÃO DO <i>CORPUS</i>.....	20
4.3 PROCEDIMENTOS ANALÍTICOS.....	21
5.ANALISANDO A LÍNGUA NA SUA RELAÇÃO COM A ESTIGMATIZAÇÃO E O PRECONCEITO LINGUISTICO NO FACEBOOK	22
6.CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	26
REFERÊNCIAS	28

1. INTRODUÇÃO

A linguagem é uma das principais formas de interação e comunicação entre os indivíduos, sendo um elemento central na construção das relações sociais. No entanto, ao longo da história, as diferentes formas de uso da língua têm sido permeadas por classificações que muitas vezes geram discriminação e exclusão social. Esse, conhecido como preconceito linguístico, reflete-se na maneira como as variedades linguísticas são avaliadas, com certas formas de falar sendo estigmatizadas enquanto outras são elevadas à condição de normas de prestígio.

O preconceito linguístico, entendido como uma forma de desvalorização das variedades estigmatizadas, como as faladas por grupos de classe baixa ou por populações de minorias raciais, está presente em diversos contextos, inclusive nas redes sociais, onde o discurso sobre a língua se manifesta de maneira intensificada e com grande potencial de disseminação. O Facebook, enquanto uma das principais plataformas de redes sociais, não serve apenas como um espaço de interação, mas também como um campo fértil para a circulação de diferentes formas de linguagem, inclusive aquelas que refletem e reproduzem preconceitos linguísticos.

Entre os diversos conteúdos que circulam nesse ambiente, os memes se destacam como um gênero discursivo crítico altamente popular, que mistura humor, crítica e comunicação rápida, podendo tanto reforçar estigmas quanto questionar as normas. A partir dessa perspectiva, o preconceito linguístico presente em memes no Facebook foi o nosso objeto de estudo.

Diante disso, o objetivo geral desta monografia foi investigar, à luz da pedagogia da variação linguística, a reprodução do preconceito linguístico em memes no âmbito da rede social Facebook. Para esse objetivo, propôs-se discutir as relações de poder mediadas pela língua nas redes sociais e analisar como os memes atuam reproduzindo e/ou contestando as dicotomias entre variedades de prestígio e variedades estigmatizadas.

O problema central desta pesquisa reside na identificação e compreensão das formas como o preconceito linguístico se manifesta nos memes do Facebook, especialmente no que tange ao uso de variedades linguísticas estigmatizadas. Nossa questão de pesquisa foi: como os memes, enquanto produto cultural da internet, podem reproduzir ou contestar o preconceito linguístico a partir da escolha de variedades linguísticas e das representações sociais associadas a elas?

A justificativa para este estudo reside na relevância do tema no contexto atual, onde as redes sociais têm um impacto significativo na formação de opiniões e na circulação de discursos. O Facebook, enquanto uma das principais plataformas digitais, possibilita a análise do comportamento linguístico de seus usuários, tornando-se um espaço importante para investigar o preconceito linguístico, especialmente por meio de memes. Além disso, compreender como a pedagogia da variação linguística, proposta por Bagno (2007), pode ser aplicada para combater o preconceito na língua e promover a valorização das diferentes formas de falar é de suma importância, tanto para a pesquisa acadêmica quanto para práticas pedagógicas que buscam uma maior inclusão social.

Esta monografia está estruturada da seguinte forma: O capítulo 1 aborda o campo da sociolinguística, apresentando seus principais conceitos, como variação linguística, norma-padrão e as variedades estigmatizadas, com base em autores como Bagno, Monteiro e outros. O capítulo 2 contextualiza as redes sociais, com ênfase no Facebook, e conceitua os memes como gêneros discursivos. O capítulo 3 apresenta a análise do preconceito linguístico nos memes, utilizando os conceitos de variedades de prestígio e variedades estigmatizadas. Por fim, apresentamos as considerações finais.

2. A ABORDAGEM DA PEDAGOGIA DA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA

Esse capítulo apresenta o campo da Sociolinguística, discute a natureza heterogênea da língua e apresenta os conceitos centrais deste campo de pesquisa: variação linguística e preconceito linguístico.

A Sociolinguística surge como uma área independente da linguística nos anos 1960, especialmente a partir dos estudos de William Labov, que é considerado um dos fundadores dessa disciplina. Em suas pesquisas, Labov demonstrou que a língua é um fenômeno social, e não apenas um sistema isolado de regras, como pensavam os linguistas da tradição estruturalista. Ao estudar a variação linguística em Nova York, Labov (1966) constatou que “não existem falantes que utilizem uma língua homogênea, mas sim que variam suas formas conforme fatores sociais” (LABOV, 1966, p. 12). A partir disso, a Sociolinguística passou a ser vista como a investigação de como a língua varia e muda de acordo com a situação social e os grupos sociais em que é utilizada.

A partir dos estudos de Labov, outros linguistas, como Tânia Alkmim, incorporaram essa visão em suas análises. Alkmim (2013) afirma que “as variações linguísticas são inevitáveis, pois a língua é um reflexo direto das relações sociais e culturais de uma comunidade” (ALKMIM, 2013, p. 89). Para ela, é essencial compreender essas variações para entender as dinâmicas de poder e exclusão social, uma vez que a língua é o principal meio de inserção e distinção social.

A linguagem não é apenas um instrumento de comunicação, mas também um meio de construção e manutenção das relações sociais. Pierre Bourdieu (2008) já afirmava que a língua está inserida nas relações de poder e nas lutas sociais, sendo um reflexo das hierarquias sociais. Em suas palavras, “a língua é uma forma de capital simbólico, uma forma de poder que opera na reprodução das desigualdades sociais” (Bourdieu, 2008, p. 60). A língua é, portanto, um reflexo das relações de poder. José Lemos Monteiro (2000) observa que a variação linguística está intrinsecamente ligada a essas relações, e que, “muitas vezes, a língua é usada como um meio para reforçar a desigualdade, ao se associar o prestígio de uma variedade à classe dominante e marginalizar outras formas de falar” (Monteiro, 2000, p. 65).

Uma das premissas centrais da Sociolinguística é que a língua é heterogênea por natureza. As variações linguísticas não são aleatórias, mas estão ligadas a fatores sociais, culturais e históricos. Para Labov (1972), “toda língua é, na sua essência, composta por uma multiplicidade de formas, que variam conforme o contexto social e a situação comunicativa” (Labov, 1972, p. 17).

Bagno (2007) discute como o preconceito linguístico está diretamente associado à hierarquização das variedades linguísticas. Segundo Bagno, “o preconceito linguístico acontece quando se valoriza uma variedade de língua em detrimento de outras, associando formas de falar de grupos marginalizados a um status inferior” (Bagno, 2007, p. 52). Esse preconceito é um reflexo de uma estrutura de poder que se mantém ao longo do tempo, marginalizando os que falam as chamadas variedades estigmatizadas.

O preconceito linguístico é uma característica que ocorre quando determinadas variedades da língua são julgadas como inferiores ou específicas, em função de normas sociais que privilegiam certas formas de expressão. Bagno (2007) destaca que esse preconceito se manifesta em discursos que deslegitimam as variedades populares e as formas não-padrão de fala, contribuindo para a marginalização de grupos sociais. Ele afirma que “a norma-padrão é utilizada como referência para determinar o que está correto ou errado na língua, gerando exclusões que muitas vezes se traduzem em preconceito social” (Bagno, 2007, p. 36).

Bagno (2007) aponta que o preconceito linguístico está diretamente relacionado às normas sociais que determinam quais formas de fala são consideradas aceitáveis e quais são marginalizadas. Para ele, o uso de variedades linguísticas que fogem da norma-padrão é muitas vezes deslegitimado, o que resulta em processos de estigmatização e exclusão. Ele afirma que “o preconceito linguístico é uma das faces do preconceito social mais amplo que temos na sociedade brasileira” (Bagno, 2007, p. 44), revelando como as normas linguísticas estão entrelaçadas com questões de classe, raça e poder. Nesse contexto, a língua se torna um elemento central na construção e manutenção das desigualdades sociais, pois o uso de certas variedades linguísticas pode determinar o acesso a direitos, oportunidades e, até mesmo, ao pertencimento a uma comunidade mais ampla. Dentro da perspectiva sociolinguística, o conceito de variedade linguística é essencial para compreender a diversidade da língua. José Lemos Monteiro (2000) define a variedade linguística como “todas as

formas de uma língua que surgem a partir das diferentes condições de uso da língua, tanto no nível fonético quanto no lexical, sintático e pragmático” (Monteiro, 2000, p. 58). Essas variações podem ocorrer de acordo com fatores regionais, sociais ou contextuais.

Além disso, é importante distinguir entre variedades de prestígio e variedades estigmatizadas. As variedades de prestígio são aquelas associadas a grupos sociais dominantes e, geralmente, consideradas "normas cultas" ou "corretas", enquanto as variedades estigmatizadas, associadas a grupos marginalizados, são frequentemente vistas como inferiores ou "erradas". Bagno (2007) argumenta que o preconceito linguístico se manifesta, em grande parte, por meio da desvalorização das variedades estigmatizadas, como as faladas por grupos de classe baixa ou por populações de minorias étnicas. Para Bagno, “o preconceito linguístico reflete uma concepção errônea de que existe uma forma de língua superior, desprezando a riqueza das formas variáveis” (Bagno, 2007, p. 58).

A proposta da pedagogia da variação linguística, defendida por Bagno e outros, busca combater o preconceito linguístico, defendendo que todas as variedades devem ser reconhecidas e valorizadas. Bagno (2007) enfatiza que “é preciso que o sistema educacional aceite e respeite a diversidade linguística, ensinando que as variedades estigmatizadas são também formas legítimas de expressão” (Bagno, 2007, p. 65). Essa abordagem pedagógica propõe uma mudança na forma como as escolas lidam com as diferentes formas de falar, reconhecendo que a língua é plural e que a diversidade é uma riqueza cultural, e não uma falha que precisa ser corrigida.

Existem vários tipos de variedades linguísticas, que podem ser classificadas como regionais, sociais e contextuais. As variedades regionais, por exemplo, estão associadas a diferenças geográficas e são comuns em dialetos e sotaques. Já as variedades sociais referem-se a grupos sociais específicos, como a classe social, o gênero ou a etnia, e são frequentemente relacionadas a estigmas linguísticos. As variedades contextuais, por sua vez, dependem da situação comunicativa em que a língua é usada. Segundo Bagno (2007),

As variedades estigmatizadas, como as faladas por populações marginalizadas, são as mais sujeitas ao preconceito linguístico, o que tem implicações sérias para a inclusão social dessas populações. Ele argumenta que, “em nossa sociedade, as variedades faladas pelos grupos de classe baixa ou por minorias étnicas são muitas vezes vistas como inferiores, o que perpetua a exclusão e a desigualdade social” (Bagno, 2007, p. 79).

Diante do exposto, é perceptível não só a natureza heterogênea da língua, mas como as diversas formas de falar podem ser avaliadas em termos do que é “certo” e do que é “errado”. Instalando-se, a partir, desse julgamento uma forma de classificar, hierarquizar e prejudicar o outro. No próximo capítulo, ao abordar o Facebook e os memes, discutiremos como a relação entre língua e sociedade se efetiva nessa rede social.

3. O FACEBOOK E OS MEMES COMO GÊNEROS DISCURSIVOS

Este capítulo discute as redes sociais digitais como sendo plataformas digitais onde pessoas se conectam e compartilham ideias, conceitua o gênero meme e relaciona o uso da língua neste ambiente digital ao preconceito linguístico.

As redes sociais possibilitam a interação entre indivíduos, permitindo que compartilhem informações, ideias, opiniões e conteúdo de forma rápida e abrangente. Vera Lúcia Menezes (2011) explora essa dinâmica ao afirmar que as redes sociais, como o Facebook, “funcionam como estados atratores, ou seja, espaços que agregam indivíduos em torno de interesses comuns, facilitando a troca de informações e a criação de novos vínculos” (Menezes, 2011, p. 42). Nesse sentido, o facebook se configura como um espaço de sociabilidade virtual, onde os usuários podem se expressar e se conectar com outros de maneiras múltiplas, o que torna essa plataforma um importante campo de análise para estudar a linguagem e as dinâmicas sociais.

Em termos de gêneros discursivos, o Facebook pode ser entendido como um espaço de produção e circulação de textos, imagens e discursos que fazem parte de um processo contínuo de interação e compartilhamento. “o Facebook é um gênero discursivo que permite o uso de diversos modos de comunicação, como textos, vídeos, imagens e memes, gerando uma grande circulação de conteúdos que são constantemente reinterpretados e recontextualizados” (Araújo, 2016, p. 39). O gênero discursivo é uma categoria de textos, enquanto o meme é uma unidade de cultura, comportamento ou estilo. Esse movimento de circulação e modificação de conteúdo é o que torna o Facebook um ambiente rico para a análise de como discursos, especialmente os que envolvem preconceito, se espalham e se reproduzem.

O conceito de gênero discursivo se refere à maneira como textos e discursos circulam em diferentes contextos e moldam a forma como os participantes se comunicam. No caso do Facebook, o gênero discursivo não é estático, mas dinâmico, refletindo os interesses, debates e tensões presentes na sociedade. Araújo (2016) explica que, “o Facebook propicia a criação de um novo espaço de interação, no qual o discurso é fluido e muitas vezes efêmero, sendo modificado a partir das

reações dos usuários e da sua circulação na rede” (Araújo, 2016, p. 42). Com isso, é possível perceber que o Facebook não só facilita a comunicação, mas também amplia as possibilidades de formas discursivas, incluindo a criação de memes, que se tornam uma linguagem própria dentro dessa rede.

Memes, enquanto fenômenos culturais, são produções discursivas que circulam rapidamente na internet, especialmente nas redes sociais, como o Facebook. De acordo com André Lemos (2017), "memes são unidades culturais que são replicadas e modificadas pelos usuários, e sua circulação depende da forma como esses conteúdos se ajustam aos contextos sociais e culturais dos participantes" (Lemos, 2017, p. 156). Os memes são, portanto, formas de comunicação que têm uma natureza híbrida, pois combinam texto, imagem, e muitas vezes até vídeos, sendo adaptados e recontextualizados a cada nova circulação.

Esses textos são, muitas vezes, produzidos de maneira humorística, mas podem carregar mensagens profundas e, em alguns casos, reproduzir estereótipos ou formas de preconceito. O meme, como gênero discursivo, tem a capacidade de ser tanto um veículo de resistência quanto um espaço de reprodução de práticas discriminatórias, como o preconceito linguístico. Isso ocorre, muitas vezes, quando memes fazem uso de variedades linguísticas estigmatizadas, reforçando estereótipos e marginalizando aqueles que não utilizam as formas de fala “aceitas” como corretas na sociedade.

No contexto da sociolinguística e dos estudos da comunicação digital, os memes podem ser definidos como unidades de cultura digital que circulam através da internet, adaptando-se a diferentes contextos e sendo reusados e modificados pelos usuários. Segundo Lemos (2017), “os memes são formas discursivas que se repetem e se transformam conforme o uso, se adaptando aos discursos que circulam na sociedade e refletindo as dinâmicas de poder e de representação social” (Lemos, 2017, p. 158).

Em termos de preconceito linguístico, os memes podem ser veículos poderosos de reprodução de estigmas linguísticos. Quando esses memes utilizam variedades linguísticas estigmatizadas, muitas vezes associadas a grupos marginalizados, como as classes sociais mais baixas ou populações da raça negra, o conteúdo pode reforçar ideias preconceituosas sobre essas populações. Nesse

sentido, os memes se tornam uma extensão das relações sociais e de poder, reproduzindo, muitas vezes, desigualdades e preconceitos.

Exemplos de memes que circulam no Facebook podem ilustrar como o preconceito linguístico é manifestado e reforçado. Um exemplo comum são aqueles memes que utilizam variedades linguísticas estigmatizadas de forma caricata, como o uso de “erros de português” atribuídos a pessoas de classes sociais mais baixas. Esses memes fazem uso de uma linguagem humorística, mas o efeito é o reforço de estereótipos e a marginalização de certos grupos. Vejamos o meme abaixo, constituinte do nosso *corpus*, por exemplo:

Figura 1



Fonte: Facebook

Outro exemplo pode ser observado em memes que associam características de "falta de educação" a uma maneira específica de falar, por exemplo, o uso da variante popular do português, que é frequentemente considerada "errada" ou inferior. Esses memes reproduzem um discurso que marginaliza as formas de falar das classes populares, ao mesmo tempo em que exalta o uso da norma culta como o padrão a ser seguido.

Como Vera Lúcia Menezes (2011) afirma, "os memes são capazes de operar dentro da estrutura social, refletindo as relações de poder ao divulgar conteúdos que reforçam o preconceito e a exclusão de certos grupos, inclusive por meio da língua" (Menezes, 2011, p. 47). Nesse caso, os memes podem ser vistos

como um microcosmo das dinâmicas sociais mais amplas, reproduzindo discursos que marginalizam aqueles que se distanciam do padrão socialmente aceito.

Dessa forma, a análise de memes no Facebook oferece um campo fértil para investigar a reprodução do preconceito linguístico, especialmente ao observar como as variedades linguísticas estigmatizadas são tratadas dentro desse ambiente digital. Lemos Monteiro (2000) nos lembra que as variações linguísticas, especialmente aquelas associadas a grupos marginalizados, são muitas vezes vistas como inadequadas ou inferiores pela sociedade dominante, e os memes ajudam a perpetuar essa visão.

Dialogando com este autor, visualizamos o Facebook, como um gênero discursivo que oferece uma plataforma para a circulação de memes que podem, simultaneamente, reforçar e desafiar as normas linguísticas e sociais vigentes. Os memes, como instrumentos culturais da internet, não apenas refletem, mas também contribuem para a construção de identidades e a perpetuação de estigmas, como o preconceito linguístico.

O uso de memes no facebook se tornou uma prática comum, oferecendo uma janela para a análise das dinâmicas sociais contemporâneas. No que se refere ao uso da língua materna na construção de nossas identidades culturais, Ricardo Bortoni (2015) discute como as variedades linguísticas faladas pelas comunidades inferiorizadas são frequentemente desvalorizadas. Ela explica que “a língua materna é um elemento fundamental na formação da identidade cultural de um indivíduo, e quando essa língua é desmerecida, o sujeito experimenta uma penetração de sua identidade” (Bortoni, 2015, p. 52). Isso se reflete nos memes que fazem uso de formas não padronizadas da língua, frequentemente associando essas variedades a características negativas, como falta de educação ou inferioridade.

Bortoni também aponta que a desvalorização da língua materna tem consequências diretas sobre a autoestima e a autopercepção das comunidades que a utilizam. Ele argumenta que “o preconceito linguístico não apenas marginaliza as formas de expressão de um grupo, mas também mina a confiança de seus membros, levando a uma internalização do preconceito” (Bortoni, 2015, p. 54). Esse processo é exacerbado pela circulação de memes que reforçam essas ideias, contribuindo para um ciclo vicioso de exclusão social.

O que autora nos mostra é que os memes, como formas de comunicação que circulam amplamente nas redes sociais, têm o potencial de reprodução e de promoção de preconceitos linguísticos. A natureza humorística dos memes muitas vezes esconde a gravidade do preconceito que eles veicularam. Por exemplo, memes que ridicularizam formas de fala não padrão, associando-as à falta de educação ou inferioridade, podem contribuir para a manutenção de estigmas sociais. Esses memes não apenas expressam uma visão depreciativa sobre as variedades linguísticas, mas também reforçam a ideia de que a norma-padrão é a única forma “aceitável” de comunicação.

Apesar de seu potencial para reproduzir preconceitos, os memes também podem servir como recursos para a contestação e problematização do preconceito linguístico. Alguns usuários da rede social utilizam memes para desafiar normas linguísticas e sociais, promovendo uma visão mais inclusiva da linguagem. Um exemplo disso pode ser apresentado em memes que reconhecem a diversidade linguística, subvertendo estereótipos associados a variedades populares. Esses memes utilizam o humor para afirmar a legitimidade das formas de falar que muitas vezes são deslegitimadas, promovendo um espaço de empoderamento para aqueles que se sentem marginalizados pelas normas linguísticas.

4. METODOLOGIA

4.1. NATUREZA DA PESQUISA

A presente pesquisa foi de natureza qualitativa e interpretativa, pois buscou compreender os significados atribuídos aos memes que circulam no Facebook, analisando como esses significados refletem e/ou contestam o preconceito linguístico. Segundo Minayo (2014), as pesquisas qualitativas têm como objetivo investigar questões sociais em seus contextos específicos, focando nas percepções e interpretações dos sujeitos envolvidos. Essa abordagem permite uma análise mais profunda das interações e das construções sociais presentes nos memes, especialmente em relação à linguagem e ao preconceito linguístico.

Além disso, a pesquisa segue os princípios expostos por Xavier (2017), que sugere que, em trabalhos acadêmicos qualitativos, deve-se partir de uma análise interpretativa, que busca entender a complexidade das especificidades sociais. Xavier defende que uma pesquisa deve ser desenvolvida a partir de uma "análise crítica", como é o caso desta pesquisa, que visa compreender como a linguagem é utilizada para fortalecer ou desafiar estigmas sociais e linguísticos. A partir dessa perspectiva, a pesquisa busca compreender a estrutura social e as relações de poder por meio dos memes no Facebook.

4.2. DELIMITAÇÃO DO *CORPUS*

Para esta pesquisa, optou-se por analisar 3 (três) memes que circularam no Facebook e que apresentam elementos linguísticos associados ao preconceito linguístico. Esses memes foram escolhidos com base em três critérios principais: a) Relevância temática: os memes escolhidos deveriam abordar questões relacionadas à variação linguística, mostrando o uso de variedades linguísticas estigmatizadas; b) circulação: os memes precisariam ter uma circulação significativa nas redes sociais, pois isso permite que representem uma amostra das práticas de comunicação em grande escala, e c) Diversidade: é importante que os memes escolhidos reflitam diferentes tipos de estigmas linguísticos, contemplando desde estereótipos relacionados à fala popular até críticas à falta.

Esses memes foram selecionados com o intuito de que pudéssemos discutir as principais manifestações de preconceito linguístico, que se tornam visíveis no humor e nas interações digitais, conforme sugerido por Bagno (2007) e Ricardo Bortoni (2016).

4.3. PROCEDIMENTOS ANALÍTICOS

A análise dos memes foi realizada a partir dos conceitos de norma-padrão, norma culta e variedades linguísticas estigmatizadas, conforme discutido por Bagno (2007) e Tânia Alkmim (2013). A partir desses conceitos, foi possível identificar como o uso de certas variedades linguísticas nos memes é associado a estigmas sociais e como essas representações podem fortalecer ou contestar as relações de poder linguístico.

A análise se concentrou em três eixos principais. A comparação entre normas-padrão e outras variedades linguísticas: como as formas de linguagem consideradas não-padrão são retratadas nos memes e o impacto dessa representação. A associação de variedades linguísticas estigmatizadas com características negativas: análise dos memes que associam a fala popular à falta de educação, inteligência ou status social. A possível contestação ou resistência contra o preconceito linguístico: memes que, de maneira irônica ou humorística, questionam as normas linguísticas e mantêm a legitimidade das variedades populares.

5. ANALISANDO A LÍNGUA NA SUA RELAÇÃO COM A ESTIGMATIZAÇÃO E O PRECONCEITO LINGUÍSTICO NO FACEBOOK

Neste capítulo, efetuamos a análise da manifestação do preconceito linguístico e três memes que circularam no Facebook. Para essa análise, utilizamos as contribuições teóricas de Bagno, Tânia Alkmim, Bortini Ricardo e outros autores citados, com foco no preconceito linguístico, nas variedades linguísticas estigmatizadas. Uma vez explicitada a forma como coletamos e selecionamos os memes para este estudo, passemos a análise.

A Figura 1 retrata uma pessoa falando com um forte sotaque regional, sendo acusada imediatamente de "fala ridícula" por outra figura. A legenda acompanha a ridicularização da fala do personagem com o sotaque.

Figura. 1



Figura 1 - Fonte: Facebook 2024

Na figura 1, temos um exemplo claro de preconceito linguístico, onde vemos o falar de uma variedade linguística associado a uma ausência de educação ou cultura. Tânia Alkmim (2015) discute como o preconceito contra sotaques e gírias regionais é fortemente embasado em uma noção elitista de língua, que desconsidera

a riqueza e a diversidade da língua. Este meme, ao transformar a fala regional em objeto de escândalo, reproduz um preconceito social, indicando que quem não fala a norma-padrão é inferior.

Alkmim (2015) argumenta que a estigmatização de variedades linguísticas regionais é uma forma de discriminação que reflete a desigualdade social. Um dos principais mecanismos de preconceito linguístico nesse e em outros memes é a constante referência à norma-padrão, que funciona como um critério de “correção” linguística, marginalizando as variedades populares e periféricas. Bagno (2007) explica que a norma-padrão é vista como a “língua correta”, enquanto as outras formas de linguagem são desvalorizadas. Ele alerta que “o prestígio social de uma língua é, na maioria das vezes, vinculado a quem fala e não à forma linguística propriamente dita” (Bagno, 2007, p. 46).

No referido meme, pode-se perceber que há a o processo de estigma como um ponto de comparação, onde as falas de personagens estigmatizados são corrigidas. É possível visualizarmos que o meme apresenta um diálogo entre personagens da região nordeste, sendo o personagem que fala com base em uma variedade popular frequentemente retratado como ignorante ou sem educação, enquanto o personagem que segue a norma-padrão é representado de maneira mais inteligente ou sofisticada. Esse meme reforça a ideia de que a fala popular é inferior, o que é uma manifestação clara de preconceito linguístico.

Figura. 2



Figura 2 - Fonte: Facebook 2024

Aqui, esta Figura 2, apresenta uma figura de autoridade corrigindo o uso de uma palavra em um contexto coloquial, apontando "erro" com base na gramática normativa. O humor é como o personagem interpretado "corrige" o falante, que usa uma variedade linguística não prestigiada.

Este meme reforça o poder da norma-padrão ao mostrar a figura de uma pessoa com conhecimento "superior" corrigindo outra, indicando que quem escreve ou fala de maneira não normativa está "errado". Essa atitude reflete o preconceito linguístico enraizado na educação formal, que considera a norma-padrão como a única forma correta de falar, excluindo outras variantes linguísticas. Segundo Monteiro (2000), essa prática alimenta a estigmatização das variantes populares, reforçando relações de poder desiguais. Conforme Lemos Monteiro (2000), “uma pedagogia tradicional, ao centrar-se exclusivamente na norma-padrão, contribui para a marginalização de falantes de variedades estigmatizadas, perpetuando o preconceito linguístico” (MONTEIRO, 2000, p. 102).

Figura. 3



Figura 3 - Fonte: Facebook 2024

Nesta Figura 3 vemos uma pessoa, ao usar uma forma verbal que não segue a norma-padrão, é de imediato retificada por alguém com uma frase como "Você vai vim?" por "vai vir". A imagem apresenta um contraste visual forte entre os dois personagens, reforçando a ideia de superioridade de quem "corrige". Esse tipo de meme reforça o preconceito linguístico, proporcionando uma interação que desdenha o modo de falar do interlocutor que utiliza variedades não padronizadas. Essa correção, ao invés de promover uma discussão saudável sobre a diversidade linguística, reforça a ideia de que apenas a norma-padrão é aceitável.

Bagno (2007) explora essa questão, afirmando que a "imposição da norma culta é, muitas vezes, uma forma de controle social, que perpetua a exclusão de falantes de variedades estigmatizadas. O meme, ao transformar esse tipo de correção em humor, banaliza opressões linguísticas. Concordamos com o autor quando ela fala que, "impor a norma-padrão como a única forma correta de falar reforçar posições sociais e excluir milhões de brasileiros de uma participação plena na vida social e cultural do país" (BAGNO, 2007, p. 45).

A análise dos três memes revela como a língua, enquanto instrumento de comunicação e expressão social, está entrelaçada com relações de poder e estigmatização. Os memes podem tanto reproduzir como contestar (não foi o caso encontrado nos memes analisados) o preconceito linguístico, oferecendo uma plataforma para discussões sobre identidade, classe e linguagem.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente monografia teve como objetivo investigar, à luz da pedagogia da variação linguística, a reprodução do preconceito linguístico em memes no Facebook, analisando como esses memes refletem e reforçam as o preconceito linguístico. A partir de uma análise qualitativa e interpretativa dos memes, procuramos entender a maneira como a linguagem, em suas variedades, é estigmatizada, especialmente no contexto de um espaço virtual, onde as relações de poder, identidade e pertencimento são constantemente negociadas.

Com base na análise dos memes, constatamos que, de fato, o preconceito linguístico continua sendo um fenômeno presente nas redes sociais, com especial destaque para o Facebook. Muitos memes reforçam a ideia de que apenas a norma-padrão é legítima, enquanto as variedades linguísticas populares ou regionais são associadas a características negativas, como falta de educação ou sofisticação. Esses memes, de maneira humorística, contribuem para a marginalização e exclusão de determinados grupos sociais, principalmente aqueles de classes mais baixas e regiões periféricas.

Entretanto, ressaltamos que os memes também podem atuar como uma forma de resistência contra o preconceito linguístico. Alguns memes podem subverter as expectativas ao apresentar personagens que utilizam variedades linguísticas estigmatizadas em contextos onde a norma-padrão seria esperada, sublinhando a legitimidade dessas formas de falar e questionando as hierarquias linguísticas presentes na sociedade. Nesse sentido, os memes se mostram tanto como um campo onde a reprodução e a contestação das normas sociais e linguísticas ocorrem simultaneamente, com o humor funcionando como uma ferramenta poderosa para essas manifestações.

A análise revelou que as redes sociais, especialmente o Facebook, funcionam como um espaço de grande circulação de discursos, onde o preconceito linguístico é reproduzido. Isso se dá por meio de um gênero discursivo, os memes, que permitem uma interação rápida e muitas vezes irônica, abrindo espaço para reflexões sobre as normas e sobre o status das variedades linguísticas.

Os resultados do estudo também apontam para a relevância da pedagogia da variação linguística no contexto educacional, pois, ao compreender as dinâmicas de preconceito linguístico nas redes sociais, é possível refletir sobre como a escola e outros espaços de ensino podem colaborar para a redução desses estigmas. Pois a educação deve promover uma conscientização crítica sobre a variação linguística, não apenas para desconstruir o preconceito, mas também para valorizar as diversas formas de expressão presentes no Brasil. Além disso, os memes, por serem populares e de fácil acesso, podem ser utilizados como recursos pedagógicos para discutir questões de linguagem e preconceito linguístico com os alunos, estimulando uma reflexão sobre a riqueza das diferentes variedades de português e a necessidade de respeito às diversidades linguísticas.

Embora esta pesquisa tenha fornecido uma análise do preconceito linguístico nos memes do Facebook, existem algumas limitações que precisam ser consideradas. Primeiramente, a pesquisa se concentrou apenas em memes, o que restringiu a análise a um gênero discursivo específico, sendo importante que estudos futuros explorem outras formas de interação digital, como postagens, comentários e vídeos. Além disso, o *corpus* de memes analisados foi relativamente pequeno (03 memes), o que pode limitar a generalização dos resultados. Seria interessante ampliar o número de memes e considerar diferentes contextos e temáticas para uma análise mais abrangente.

Por fim, o estudo reafirma a importância de se discutir o preconceito linguístico em contextos educacionais e sociais, contribuindo para a valorização da diversidade linguística e a construção de uma sociedade mais justa e igualitária, onde todas as formas de linguagem são respeitadas e valorizadas.

REFERÊNCIAS

ALKMIM, Tânia. **Introdução à Linguística**: Volume 2. 2. ed. São Paulo: Editora Atual, 2013.

BAGNO, Marcos. **Norma linguística & preconceito social**: questões de terminologia. Veredas: Revista de Estudos Linguísticos, v. 11, n. 1, p. 27-42, 2007. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/veredas/article/view/25311>. Acesso em: 27 set. 2024.

BORTONI-Ricardo, Stella Maris. **A língua materna: uma análise sobre identidade e preconceito linguístico**. In: Para compreender Labov: Linguística e Sociedade. 2. ed. São Paulo: Editora Ática, 2010. p. 145-158.2015.

LABOV, William. **The Social Stratification** of English in New York City. Washington, D.C.: Center for Applied Linguistics, 1966.

BOURDIEU, P. (2008). **A Economia das Trocas Linguísticas**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento**: Pesquisa qualitativa em saúde. 13. ed. São Paulo: Hucitec, 2014.

MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna. **Introdução à Linguística**: Volume 2. São Paulo: Editora Atual, 2015.

MONTEIRO, José Lemos. Para Compreender Labov: **Linguística e Sociedade**. 1. ed. São Paulo: Ática, 2000.

XAVIER, Antônio Carlos. **Como fazer e apresentar trabalhos acadêmicos**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2017.

MENEZES, Vera Lúcia. Facebook: um estado atrator na internet. In: **O impacto das redes sociais digitais** na educação e sociedade contemporânea. Rio de Janeiro: FGV, 2012. p. 74-92.

